

POSSIBILIDADES DE TRANSFIGURAÇÃO DO SUJEITO CULTURAL
A PARTIR DA INTEGRAÇÃO “TIC, EDUCAÇÃO E ARTE”

Miriam Araújo Nascimento¹

Resumo: Este estudo propõe ampliar a pesquisa que desenvolvemos sobre o currículo comunicacional e informacional com ênfase para o saber humanizante. Assim, apresentamos reflexões sobre possibilidades de transfiguração do sujeito a partir da integração “TIC, Educação e Arte”. Salientamos que é a partir do reconhecimento do mundo e de si próprio, que cada sujeito amplia dimensões sócio-culturais, podendo assim integrar-se ao mundo e dar sentido a cada ação vivenciada, transformar a realidade, criar, desenvolver, transfigurar-se, humanizando (-se), continuamente e dinamicamente.

Palavras-chave: “TIC, Educação e Arte”; Constituição Humana.

O ser humano constitui-se a partir de sua relação histórico-sócio-cultural, e a construção de sentido provém da relação do sujeito com suas experiências, e (atualmente) com a dinâmica cognitiva da rede computacional. Sendo o próprio homem uma unicidade imbricante homemáquina, num só tempo.

Assim, nessa dinâmica cognitiva contemporânea, as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) na Educação propõem o novo, pois acenam que criar e transformar possibilita a potencialização da humanidade. A Arte também, como potência ampla e aberta, insere-se no processo educativo humanizador, pois, permite que cada sujeito integre-se ao mundo dando sentido a cada ação vivenciada e potencializando novas criações. Então, a partir do diálogo “TIC, Educação e Arte”, o sujeito age com os objetos da aprendizagem, transformando-se, adquirindo novos procedimentos, atitudes e habilidades, e transformando também o meio no qual esta inserido.

Neste sentido, o ensino deve ser desenvolvido de maneira que possibilite ao sujeito produzir conhecimentos (e criar obras de arte) articulados a sua realidade, a fim de que este sujeito possa encontrar/criar maneiras para melhorar essa realidade. Desse modo, considera-se que, a observação e compreensão do contexto vivencial é essencial

¹ Universidade Federal da Bahia; Universidade do Estado da Bahia. miriamufba@yahoo.com.br



para promover mudanças necessárias. A transformação só ocorre de fato e, fundamentalmente, se o sujeito estiver emergido em sua realidade e, se este sujeito ter em si mesmo a convicção ulterior de humanidade.

Nesta pesquisa de base epistemológica que desenvolvemos, enfatizamos, portanto, que todos os sujeitos (artistas ou não), podem desenvolver o potencial criativo a partir de sua subjetividade, criando possibilidades, potencializando-se, transfigurando-se (ou permitindo transfigurar-se), humanizando (-se), solucionando questões que afetam a sua realidade. Evidenciamos, pois, a importância do currículo integrante “TIC, Educação e Arte”, nesse processo contínuo e dinâmico de ampliação das dimensões sócio-culturais do sujeito. Esse saber humanizante é essencial para dar sentido à vida.

1 POSSIBILIDADES DE TRANSFIGURAÇÃO DO SUJEITO CULTURAL A PARTIR DA INTEGRAÇÃO “ TIC, EDUCAÇÃO E ARTE ”

Ao passo que as TIC são inseridas na Educação, faz-se urgente a instauração de um novo currículo de base comunicacional e informacional que esteja relacionado com outros saberes do fenômeno educativo e com a práxis humana, como ressalta Lima Junior e Hertkowski,

a práxis humana é responsável pela constituição/instituição (no sentido crítico da palavra) dos diferentes processos (redes) formativos, pedagógicos e educacionais, na perspectiva da interatividade que supõe, além do mais, afetividade e concretude comunicativa entre os participantes, que favorecem atitudes exploratórias, criativas, abertas, todas fundadas no princípio da diferença, no horizonte político da solidariedade, da cidadania, da convivialidade, considerando e reafirmando a condição subjetiva e subversiva do ser sujeito partícipe de uma história coletiva, de um contexto, de uma expressão pessoal singular (LIMA JR. e HERTKOWSKI, 2006, p 41).

Lima Junior apresenta que a tecnologia tem gênese histórica, sendo, portanto, inerente ao ser humano (LIMA JR., 2005, p 15), expõe que “refletir tecnologia é refletir o próprio homem, porque o ser humano está totalmente implicado na tecnologia e a tecnologia está totalmente implicada no humano, [...] há portanto, uma relação de imbricamento: homemáquina inevitável e inesgotável” (idem, p 16). Neste pensamento, a tecnologia torna-se como “um processo criativo através do qual o ser humano utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, a fim de encontrar respostas para os problemas de seu contexto, superando-os” (LIMA JR., 2005, p 14).

Ainda, Domingues ressalta que na atualidade a cibercultura coloca em pauta a dimensão do corpo, sendo que as vidas agora são expandidas com as redes e a tecnologia numérica (o computador). E na Arte deste contexto atual, insere-se a ciberarte, que caracteriza-se por ser uma arte totalmente comportamental que envolve o corpo em ação. Sendo que esta arte interativa gera comunicações em níveis viscerais e vitais envolvendo o natural, o artificial e o virtual tecnológico, no qual homem e máquina tornam-se um só, ou seja, por estarem entrelaçados, não há mais como separar o que é biológico e o que é tecnológico (DOMINGUES, 2003, p 95-96). Diana Domingues revela então que no cenário tecnológico interativo,

o ser humano experiencia o fenômeno da comunicação interagindo e recebendo respostas em tempo real a partir de máquinas, em fluxos que processam novas sínteses sensoriais. As interfaces capturam a vida e as ações do corpo e do ambiente provocando o surgimento de ambientes vivos em estados de metamorfose. A arte interativa entra no campo da complexidade e a noção de ecossistema é fundamental para se pensar a experiência sensível que decorre das interações [...] da mesma forma que o corpo vive experiências nos ambientes virtuais, tecnologizando-se, as tecnologias se naturalizam pois se transformam durante as interfaces, incorporando os sinais biológicos. Nessas zonas de interação não se pode mais separar o que é biológico e o que é tecnológico (DOMINGUES, 2003, p 96).

Ostrower também coloca em pauta que a criatividade é um potencial próprio da condição humana. Essa criatividade se dá dentro dos contextos vivenciais, situa-se, portanto, em relação com a problemática social, econômica, política e cultural.

Ainda, Hetkowski que ressalta que todos os sujeitos devem ter acesso ao saber, ainda que diante das desigualdades sociais, pois, tanto o saber, como o conhecimento, são como uma construção social, sendo que não é possível produzir experiências, saberes e conhecimentos na individualidade, pois isto se dá num contexto de relações sociais, no contexto da construção material e social da vida. Hetkowski afirma, que

mesmo que nos dias de hoje, no contexto da nossa formação social, o capitalismo, comercializa-se a titulação do conhecimento, a produção deste caráter social, e se assim é, todas as pessoas independentemente de suas condições sociais, têm direitos iguais ao acesso destes conhecimentos e saberes. Da mesma forma se dá com os bens socialmente construídos, como é o caso do patrimônio público material, das instituições, dos bens culturais, etc. Os bens públicos também se tratam de uma construção social e sendo assim todas as pessoas, independente de suas condições sociais, têm direito igualitário do acesso aos mesmos (HETKOWSKI, 2010, p 17).

Estes questionamentos sugerem que o sujeito criativo constitui-se na interação com o seu contexto sócio-cultural, equilibrando-se entre sua singularidade e a contemporaneidade vivida, criando conhecimentos e obras de arte, gerando sentidos e significados indispensáveis ao viver. Neste sentido, além de resgatar/preservar o seu eu, redescobre-se e interage com o mundo, ampliando práticas criativas potencializadas pelo ciberespaço, fomentando assim o processo de humanização e de transfiguração do ser.

1. 1 POSSIBILIDADES

Quando se configura algo e se o define, surgem novas alternativas... Da definição que ocorreu, nascem as possibilidades de diversificação. Cada decisão que se toma representa assim um ponto de partida, num processo de transformação que está sempre recriando o impulso que o criou (OSTROWER, 1987, p 26-27).

Diz-se possibilidade aquilo que é possível; e possível é tudo que pode acontecer (FERREIRA, 1988, p 520-521). Criar possibilidades, portanto envolve o “deixar acontecer”, com sentido. Lima Jr (2005, p 151) apresenta o acontecimento como fundamental no currículo hipertextual (currículo aberto ao diálogo, com ênfase na criação e transformação). Segundo este pensador, o currículo deve ser acontecimental, ou seja, “um sistema complexo que, para oxigenar-se, deve pleitear incessantemente o acontecimento, na medida em que é nesse fenômeno que aparecem com mais frequência as contradições, as transformações e suas possibilidades” (LIMA JR., 2005, p 165).

Ostrower (1987, p 38), salienta também que “o contexto essencial, que não deve ser esquecido ou relegado é o do homem. Pois, todos os acontecimentos, tudo o que nos possa afetar e o que possamos saber, têm em comum o homem e a cultura humana”. Ainda segundo esta autora, os acontecimentos “estão ligados a partir do homem, através do homem, em relação ao homem” (idem, p 38).

Sendo assim, portanto, a elaboração de possibilidades permite que o homem (sujeito) amplie suas potencialidades humanas tecnológicas, transfigurando-se. Percebe-se, todavia, que as possibilidades surgem a partir da capacidade criativa inerente a todos os sujeitos (artistas ou não). Lima Jr. (2005, p 159) evidencia pois, que ao criar o próprio sujeito já está imbricado em sua criação, e essa relação se dá de maneira complexa, pois apresenta a noção do sujeito imaginativo dentro do seu contexto vivencial. Lima Jr. revela que,

a implicação refere-se à participação do sujeito no ato do conhecimento, fazendo com que a questão da lógica e a questão epistemológica em geral saiam da âmbito do idealismo e retornem ao âmbito da vida e dos contextos humanos, ao âmbito do social, do individual e, especialmente, ao âmbito da criatividade (LIMA JR., 2005, p 159-160).

Ostrower (1987, p 39) também reitera que a imaginação criativa nasce do interesse, da afetividade, do entusiasmo de um sujeito pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidades, e provém da capacidade desse sujeito de se relacionar com elas. Ainda com Ostrower, temos que “a afetividade implica uma amplitude de visão que permite muitas coisas se elaborarem e se interligarem, implica uma visão globalizante de processos de vida” (idem, p 39).

As possibilidades, portanto, surgem a partir da interligação do sujeito aos problemas prementes da humanidade, e do seu contexto vivencial. Sendo que, estas possibilidades acontecem então, com a participação do sujeito, se permitindo e permitindo a humanidade manifestação do desejo, escolhas, crescimento, transformação, transfiguração e, sobretudo, atuação significativa em termos humanos. Como bem explicita Lima Jr.,

A implicação do sujeito coloca também a questão do desejo humano e a perspectiva epistemológica que compreende como fonte legítima de aprendizagem e conhecimento a interação de diferentes faculdades e componentes cognitivos, emocionais, individuais, e coletivos, materiais e espirituais (LIMA JR., 2005, p 160).

Lima Jr., ressalta ainda que “transitar, internamente por estes diferentes elementos supõe uma interface amigável com outras paisagens de sentido não científicas e não disciplinares. Supõe também, internamente ao currículo escolar, a emergência de dinâmicas, competências, habilidades, linguagens, gramáticas diferentes do arcabouço tecnocientífico” (LIMA JR., 2005, p 161). Ou seja, o processo de geração de possibilidades ocorre a partir de diálogos. Nessas situações de diálogos os sujeitos estendem suas dimensões comportamentais, criativas, imaginativas, propondo assim mundos com vidas próprias (possibilidades, acontecimentos, potencializações). Domigues ressalta que “a partir da interatividade experimentamos estados de conectividade, imprevisibilidade e auto-regeneração” (DOMINGUES, 2003, p 97). E mais ainda, com Lima Jr. temos que para criar possibilidades:

Urge-se situar-se na pluralidade dos múltiplos olhares e múltiplas visões, transitando e jogando com estas diferenças, como acontece na emergência da subjetividade humana, implicada na dinâmica da vida. Esse transitar/jogar, por também se originar na implicação subjetiva, como formas de investimento, é plural, é movimento, é (alter)ação (LIMA JR., 2005, p 161).

Como estamos tratando, o fator vivencial-cultural tem valor essencial no desenvolvimento de cada sujeito. Sendo que o potencial criador “elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem (próprio sujeito), e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida” (OSTROWER, 1987, p 26-27).

A geração, portanto, de possibilidades amplia a própria atividade humana, a partir do seu potencial criativo, e se dá em níveis subjetivo à cultura do próprio sujeito e do seu contexto vivencial. Assim, as criações dos sujeitos tecnológicos exploram os limites do próprio sujeito, sendo que o sensível, o imaginário, o desejo humano de sonhar, potencializam as relações com a própria vida, num processo contínuo de metamorfose.

O cenário social contemporâneo coloca, portanto, o homem num contexto “complexo e conflituoso”. E, é dentro deste contexto que acontece o “caos produtivo” (LIMA JR., 2005, p 139), é aí que surgem as possibilidades criativas do homem. Hoje, todavia, não há mais como pensar o homem sem que este esteja imbricado com as TIC. Assim, a Educação nos dias atuais, tem por desafio inserir o homem no contexto pós-moderno, ou seja, no contexto emergente das TIC – o contexto do sujeito contemporâneo –.

É preciso, portanto, que a Educação rompa com o currículo tradicional (moderno), que separa o homem de suas instâncias formadoras e do seu potencial criativo. No contexto contemporâneo, não há mais como separar a vida humana do tecnológico, como bem expõe Lima Jr. (2005, p 16).

O currículo é, pois, a revelação do próprio sujeito. E o que é o sujeito ‘contemporâneo’? Uma composição de “velocidade, trabalho e tecnologias” (Lèvy, 1998). O currículo contemporâneo, portanto, coloca o homem no patamar de sua própria configuração – da velocidade, do trabalho, e das tecnologias –. Neste currículo, predomina a complexidade (dinâmico, diversificado, múltiplo). No currículo contemporâneo predomina a mudança, a produtividade, a alteração e a interação.

O currículo contemporâneo “TIC, Educação e Arte”, que aqui argumentamos, portanto, amplia as relações humanas, e a própria atividade humana, permitindo que cada sujeito, como ser subjetivo e comunitário, elabore (-se) e crie possibilidades, deixando fruir e fruir-se, configurando (-se), instituindo (-se) realidades de vida e em realidades de vida. Dessa maneira, cada sujeito dá abertura para que se manifeste, potencialize, e se ampliem qualidades emergentes em si mesmo, como o pensamento criativo, a interatividade, a reflexão e a percepção política da sociedade e do seu contexto vivencial.

1. 2 QUALIDADES EMERGENTES QUE AMPLIAM POSSIBILIDADES DE TRANSFIGURAÇÃO DO SUJEITO

Apresentamos o pensamento criativo, a interatividade, a reflexão e a percepção política da sociedade e do contexto vivencial como qualidades emergentes, no currículo contemporâneo que ampliam possibilidades de transfiguração do sujeito.

1.2. 1 Pensamento criativo

“Nas múltiplas formas em que o homem age e onde penetra seu pensamento, nas artes, nas ciências, na tecnologia, ou no cotidiano, em todos os comportamentos produtivos e atuantes do homem, verifica-se a origem comum dos processos criativos numa só sensibilidade. São análogos os princípios ordenadores que regem o fazer e o pensar; na avaliação de resultados (em qualquer área) partimos de noções similares de desenvolvimento e de equilíbrio” (OSTROWER, 1987, p 31)

O pensamento criativo possibilita ao sujeito ampliar e produzir sentidos para o seu viver. Este pensamento revela experiências do sujeito atreladas ao contexto sócio-cultural em que ele vive, com a apresentação de novas propostas de configurações. Este pensamento, portanto, é fundamental na produção/criação/formação de novas modalidades e de novas existências que atendam necessidades inerentes ao próprio contexto vivencial do sujeito. Como atesta Ostrower,

Nessas ordenações a existência da matéria é percebida num sentido novo, como realização de potencialidades latentes. Trata-se de potencialidades da matéria bem como de potencialidades nossas, pois na forma a ser dada configura-se todo um relacionamento nosso com os meios e conosco mesmo. Por tudo isso, o imaginar – esse experimentar imaginativamente com formas e meios – corresponde a um traduzir na mente certas disposições que estabeleçam uma ordem maior, da matéria, e ordem interior nossa. (OSTROWER, 1987, p 34).

O pensamento criativo permite ainda que os sujeitos externalizem seus desejos, ampliando possibilidades de combinar, comunicar e constituir. Desse modo, há, portanto, geração de sentidos e extensão de significados, sendo que, o emocional e o pensamento consciente do sujeito estão totalmente implicados. Esse pensar criativo, portanto, permite dar forma a própria imaginação. Essa forma criada, é em si mesma, um instrumento, um conteúdo, uma instância livre de comunicação. E, por partirem da subjetividade podem ser reveladas, ou apenas fazer parte do imaginário simbólico do sujeito. Assim, como expõe Ostrower,

Traduzir em formas mentais, *ou as formas mentais*, não significa necessariamente pensar com palavras, a não ser, é claro, que a materialidade em questão compreenda áreas verbais, literatura, poesia, filosofia, lógica. [...] A palavra é uma forma e, por ser forma abrange um nível de significação. [...] Além das verbais existem outras formas. São ordenações de uma matéria, formas igualmente simbólicas cujo conteúdo expressivo se comunica. É nesses termos, de ordenações simbólicas, que incursiona o pensamento imaginativo (OSTROWER, 1987, p 34, grifos nossos).

Desse modo, possibilidades inerentes ao contexto sócio cultural, e ao próprio sujeito, ao serem configuradas apresentam uma essência impregnada de valores culturais do sujeito e do contexto em que este sujeito vive.

1.2. 2 Interatividade

“A aprendizagem se configura na interatividade do sujeito, que desenvolve padrões operando em varias situações diferentes” (LIMA JR., 2009, p 138).

A interatividade possibilita que os sujeitos possam aprender juntos, uns com os outros. Com a interatividade cada sujeito, faz dialogar suas próprias integridades com as de outros sujeitos, “negociando” e criando significados.

Na dinâmica cognitiva do contexto vivencial do sujeito contemporâneo (homemáquina) essa interatividade é indispensável. Essa interatividade coloca os sujeitos em estado constante de movimento, trocas, combinações, ampliando e evidenciando, portanto, a inteligência e potencializações dos sujeitos, conseqüentemente. Com a interação, então o sujeito dotado de autonomia e de capacidade de invenção emerge uma situação inédita e imprevisível, que surge com a produção de novos conhecimentos e obras de arte. Como bem expõe Domingues,

A introdução de uma lógica da autonomia dessas relações torna esse relacionamento ainda mais complexo e profundo. Quer se trate de pôr em contato o espectador com simulações de seres humanos, organismos imaginários ou simples imagens, nota-se que os dispositivos interativos imaginados pelos artistas tendem a solicitar a participação do corpo inteiro. Exige aí uma nova forma de hibridização entre a obra e o espectador que, longe de afastar a arte (*ou o conhecimento criado*) para uma pretensa desmaterialização em que o corpo seria negado em proveito de puras abstrações, abre-se para outros horizontes. (DOMINGUES, 2003, p 37; grifos nossos).

A interatividade permite ainda que, os processos do nosso pensamento se interliguem a outros pensamentos. Assim, cada sujeito, na interação, pode externalizar e resgatar suas próprias atividades cognitivas, ampliando dessa forma suas possibilidades de criação, de transformação, de transfiguração e de sensação. Com Domingues temos que,

a obra (*de arte, ou novos conhecimentos, ou produções*), está então inteiramente contida na sequência das experiências perceptivas que o *sujeito* espectador (*e o sujeito criador*) vive e pode reviver indefinidamente no decorrer do diálogo. Ela somente existe com a condição de ser freqüentada, explorada, experimentada. Ela é radicalmente “experencial”. Ela é parte do corpo (DOMINGUES, 2003, p 38; grifos nossos).

Neste sentido, no contexto da interatividade, abre-se possibilidades para que todos os sujeitos, se tornem interagentes, ou seja, abertos à criação e a transformação mútua, pois o corpo, e com ele, os equipamentos sensório-perceptivos, a mente, a consciência, e a sensibilidade do ser humano potencializam os próprios seres humanos e as atitudes humanas. Santos, também expõe, que,

Pela sensação introduz-se na relação de sujeito e objeto um vínculo de pertença do sujeito ao objeto, pois o corpo adere ao mundo e participa da vida, conquanto se mantenha diante dele, o que torna praticamente impossível discernir até onde vai um e onde começa o outro, subvertendo-se a própria estrutura sujeito-objeto. Sob a vigência dos estados sensíveis, o corpo

não se pertence nem, a rigor, se apropria do mundo, mas mundo e corpo interagem em um mesmo circuito sensorial que a ambos enlaça e sujeita (SANTOS, 2009, p 87).

A interatividade, desse modo, amplia as criações do sujeito, ou seja, amplia a extensão natural do fazer humano (ou do próprio humano).

1.2. 3 Reflexão

“A própria impressão originária que é o começo absoluto da experiência e da significação, fonte original de todo ser e de toda consciência ulterior, não se imprime sem a consciência e não se escapa aos domínios do Mesmo” (SANTOS, 2009, p 86).

No próprio ato da reflexão já implica a transformação. Pois, a partir do momento em que o sujeito faz uma reflexão, ou seja, volta conscientemente sobre si mesmo, dá abertura para que novas interfaces (suas e do contexto) possam estar se evidenciando.

A reflexão crítica, portanto, permite ao indivíduo refletir sobre o seu eu, e sobre possibilidades de sua relação para/com o outro. Esta reflexão, neste sentido, coloca em evidência a responsabilidade de cada sujeito sobre as alterações que envolvem o seu viver, instituindo um novo pensamento, uma nova mentalidade que amplie relações humanas. Ostrower, evidencia que:

O potencial de renovação existe sempre, mas necessita de condições reais para ser exercido. Essas condições reais se reportam a conteúdos de vida, pois é ao nível de valores interiorizados que se dá a criação. Por isso mesmo, quando uma estrutura social é reformulada, ainda seria preciso dela derivar uma nova mentalidade, novos conteúdos de vida que não se limitam só a condições materiais: seria preciso que a nova mentalidade abrangesse as relações entre os homens e os significados existenciais da vida, para que as formas expressivas em que se traduzem as vivências dos homens, fossem também renovadas (OSTROWER, 1987, p 159).

Essa reflexão crítica do sujeito sobre sua experiência é indispensável na repercussão da (sua) própria formação. Pois, apresenta a subjetividade deste sujeito na interação com o seu contexto sócio-cultural. A reflexão possibilita então nascer no sujeito uma percepção sensível sobre si mesmo e sobre sua realidade. Neste sentido, Santos (2009, p 89) expressa que, “a percepção sensível não é simples meio de revelação do mundo, mas antes uma potência fundadora que irrompe junto ao próprio mundo, havendo entre ambos uma co-pertença originária e inescrutável, impossível de ser desatada”.

1.2. 4 Percepção política da sociedade e do contexto vivencial

“A criação nunca é apenas uma questão individual, mas não deixa de ser uma questão do indivíduo. O contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e ainda as

valorizações. São a um tempo os dados do trabalho e os referenciais dos dados. Com eles se defronta a criatividade de um homem. Existirá nele, desde o início, uma orientação específica do ser, uma predisposição, uma maneira sua, constitucional talvez, de inter-agir com o mundo” (OSTROWER, 1987, p 147).

A percepção política da sociedade e do contexto vivencial, é fundamental no processo de humanização e transfiguração do sujeito. Pois, permite a cada sujeito ampliar possibilidades para melhorar o seu próprio contexto vivencial. O próprio homem é um ser político. Assim, cada sujeito é co-participante das instâncias sociais, ou seja, nenhum ser deve estar à margem, mas, todos devem estar (ou estão) inseridos ativamente na dinâmica sócio-cultural.

Neste sentido, cada sujeito como um ser político, deve penetrar profundamente e com responsabilidade nas questões emergentes da sociedade, interagir com os outros sujeitos, e a partir de uma ação comunicativa, criar e transformar sua realidade fomentando o processo de humanização.

Neste estudo, temos visto que a vivência humana ocorre de maneira dinâmica, e é regida continuamente pela política e pelas tecnologias, ou seja, pela relação de dialogicidade entre os sujeitos, e pela capacidade de criação e de transformação. Temos visto também que a interação possibilita que cada sujeito amplie sua própria cognição humana e crie possibilidades em prol do bem-estar de toda a sociedade.

Assim, para que cada sujeito permita-se e seja realmente político, é preciso uma tomada de decisão a favor da humanidade, ou seja, suas ações devem estar centradas no humano. Milton Santos sugere “uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem” (SANTOS, 2000, p 147).

Permitir-se ser político e se perceber como tal, não é uma tarefa fácil, pois exige de cada sujeito uma tomada de decisão e o despertar para suas responsabilidades como membros da sociedade. Permitir-se ser político possui uma dimensão epistemológica e moral, mediada pelos indivíduos, numa interação comunicativa consciente. No entanto, somente a partir dessa permissão e dessa percepção, que cada sujeito torna-se capaz de solucionar problemas que afetam a sua realidade. Digamos como Habermas “a ação comunicativa favorece a autocompreensão e a auto-reflexão, nesses diferentes aspectos, tornando os indivíduos conscientes de si e das conseqüências de suas ações, buscando o entendimento e a harmonia social” (SALES, 2004, p 175). Habermas ressalta que,

A teoria da ação comunicativa estabelece a interação dos membros da sociedade por meio da linguagem, da comunicação, de maneira a despertar os indivíduos para as suas responsabilidades como membros dessa sociedade. A interação procura o entendimento, a cooperação, a solidariedade entre os indivíduos visando ao bem-estar de cada um (SALES, 2004, p 174).

Com a percepção política da sociedade e do contexto vivencial, os sujeitos tornam-se ativos no processo histórico-cultural, e suas ações passam a ser asseguradas pelas relações interpessoais e pela solidariedade, as quais conseqüentemente, gerarão bases sólidas a uma sociedade adequada a todos. O ideal, portanto, é que o ser, enquanto político, repense sobre as condições que estão em cena, e a partir de sua subjetividade comunique-se com os outros sujeitos, e assim dentro deste contexto transgressor interaja conscientemente e com responsabilidade, consigo e com o meio contribuindo para a humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se, portanto, que o saber desenvolvido no âmbito da interação, do diálogo, do trânsito entre diferentes integridades, permite aos sujeitos “humano tecnológicos” – homemáquina – estarem experimentando o fenômeno da comunicação. Assim, salientamos a integração “TIC, Educação e Arte” fundamental no currículo contemporâneo, para que cada sujeito cultural possa ampliar possibilidades criativas, transfigurando (-se). Este saber humanizante dá a ideia de que cada homem, sendo um complexo de subjetividade afetiva e autônoma, intelectual e experiencial, potencializa o processo dinâmico da realidade sócio-histórica-cultural-emocional na qual está inserido, dando sentido a cada ação vivenciada. Dentro deste contexto, cada ação do sujeito subjetivo e comunitário, propõe sempre mudanças necessárias e compõe o processo de humanização.

REFERÊNCIAS

BONETI, Lindomar W. Et al. Inclusão Sociodigital: da teoria à Prática. **Curitiba: Imprensa oficial, 2010**

DOMINGUES, Diana. Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora UNEB, 2003

FERREIRA, Aurélio. Dicionário escolar da língua portuguesa. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.**

HETKOWSKI, Tânia Maria. Políticas Públicas e TIC: Novas Práticas Instituintes. Tese de Doutorado. UFBA, 2004

LÈVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. **Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998**

LIMA JUNIOR, Arnaud Soares de. Tecnologias inteligentes e educação: currículo hipertextual. **Rio de Janeiro: Quartet; Juazeiro, Bahia: FUNDEF, 2005**

_____. A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual. **Salvador: EUNEB, 2007**

LIMA JUNIOR, Arnaud Soares de; HERTKOWSKI, Tânia Maria. Educação e contemporaneidade: desafios para a pesquisa e a pós-graduação. **Rio de Janeiro: Quartet, 2006**

_____. Educação e contemporaneidade: processos e metamorfoses. **Rio de Janeiro: Quartet, 2009**

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. **Petrópolis: Vozes, 1978**

SALES, Lília Maia de Moraes . Justiça e Mediação de Conflitos. **Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2004. 336 p.**

SANTOS, Luciano Costa. O sujeito encarnado: a sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Levinas. **Ijuí: Ed. Unijuí, 2009**

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. **Rio de Janeiro: Record, 2000**